

TRIPULANTE

À Biblioteca Pública de Braga

29
JUNHO
1974

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

DIRECTOR: João Barbosa de Macedo

Sede e Administração
Comp. Impressão e Redacção

{ LARGO DO DOUTOR OLIVEIRA SALAZAR—TELEF. 62113 - AMARES

PROPRIEDADE: JOÃO BARBOSA DE MACEDO

Descolonização

Processo original de autodeterminar

Abordamos em artigo anterior o tema «Autodeterminação do Ultramar» muito sucintamente, focando apenas as circunstâncias que conduziram à negociação da autonomia, em curso, dos povos africanos sob o nosso domínio, concluindo com o esperançoso desfecho que lhes vaticinamos.

Mas parece-nos oportuno aprofundar o conceito à luz da comunicação de Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, proferida no acto de posse dos Governadores Gerais de Angola e Moçambique.

A nova interpretação, bastante original, do conceito de descolonização, deu outra dimensão ao processo de autodeterminação, importante assunto que balancará a vida política portuguesa em toda a sua grandeza pluri-continental. Procuram-se novas soluções para o destino da Nação, consequentemente, de grandíssimo interesse para todos os portugueses, tanto mais que se trata de princípios bastante complexos que podem conduzir a fins diferentes, de inteiro acordo com a expressão democrática de escolha pela maioria, como se vê do seguinte texto: «Federação, confederação, comunidade, ou simples coexistência de estados totalmente independentes, são fórmulas finais que os povos do ultramar, e só eles, compete decidir». Sublinhando-se logo a seguir: «Não seremos nós, fiéis ao ideário de 25 de Abril, que trairemos a força da razão que desde esse dia nos assiste ao garantir o direito de os povos decidirem os seus destinos».

Agradecimento

A Família do falecido sr. António Gomes, motorista da praça de Amares, vem muito reconhecida agradecer ao grande número de pessoas amigas a sua presença no funeral do saudoso finado, pedindo desculpa de qualquer omissão cometida involuntariamente.

Isto define já uma política eminentemente democrática. Mas o conceito original de descolonização igual a: Pacificar — Reconstruir e desenvolver aceleradamente — Participar, democraticamente, na regionalização das estruturas políticas, económicas e sociais de modo também acelerado — Consulta popular para final autodeterminação consciente —, traduz, não só um processo novo de politização das massas populares, mas também um meio bastante selectivo e cauteloso de treino político dos futuros governantes de autênticas e grandes nações, como o caso de Angola e Moçambique, que podem decidir-se pela independência completa, portanto, deverão ser aptos para a autogestão integral e independente.

Devemos reconhecer que uma tal atitude é própria de um País mais civilizador do que colonizador, pelo menos não exerceu colonização no sentido em que o fizeram outras nações e que está nesta função dominante, há cerca de meio milénio, em regiões que encontrou, por vezes, inhóspitas e que teve de povoar, missionar, explorar sertões e civilizar

Continuam a danificar as placas

Já notificamos a destruição de várias placas sinalizantes da área da Vila, atitude de vândalos que ao som de um artigo que pede a alteração da dita área, acharam por bem parti-las e lançá-las para as lixeiras.

Incólumes, pois a entidade proprietária embalou na indecisão que se verifica quanto à aplicação das leis, os autores voltaram à carga. Agora foi destruída a placa do Ouvim e pintada de maneira a tornar-se irreconhecível a do lugar da Fábrica.

Receamos que esta falta de autoridade, adocicada por clemências anteriores que serviram de incentivo, venha a dar origem a novos e irreparáveis danos.

tanto quanto possível, à custa de sacrifícios imensos, terras amassadas com sangue de heróis e que ficarão presas, para sempre, à alma nacional, interligadas pelo idioma, pela cultura, e, frequentemente, pela crença e pela hereditariedade, independentemente dos interesses materiais e laços económicos quase inseparáveis, carecidos de eficiente entrelajada.

O processo de descolonização prepara, consequentemente, para a necessária autodeterminação consciencializada, que a referida comunicação interpreta do modo seguinte. «Entendo por autodeterminação o exercício da capacidade dos cidadãos de uma sociedade para elegerem o estatuto por que hão-de reger-se, a soberania que desejam reconhecer e a forma de vida em comum que pretendem prosseguir — enfim, para praticarem actos decorrentes de uma vontade individual ou social livre e conscientemente formada».

Que tempo levará o desenrolar de uma tal descolonização?

Resposta de S. Ex.ª o Sr. Presidente da República: «E tenho fundada esperança de que depressa, mas sem pressa, o Ultramar descolonizar-se-á, agora com a colaboração de todos».

Resposta do Sr. Ministro Almeida Santos: «Os territórios Ultramarinos deverão passar, tão depressa quanto possível e apenas tão devagar quanto em absoluto necessário, a ser governados a partir dos territórios».

Os Governadores Gerais, com as funções de ministros, entrarão rapidamente na execução de todo um processo de descolonização cheio de responsabilidades, até se efectuar a autodeterminação final de escolha democrática do tipo de soberania que a maioria do eleitorado escolher.

Quanto aos partidos emancipalistas em luta no Ultramar, define-se a seguir a solução do problema: «O que está em causa ao negociar-se um cessar-fogo, não é o des-

Continua na 4.ª página

S. Pedro

No ano de 42—embora tradicionalmente esta data tenha sido muito discutida e combatida, mas ainda a prevalecer ocorreu o maior acontecimento da era cristã, dezasseis anos após a morte de Jesus Cristo. PEDRO, entrara em Roma, ignorando-se como.

S. Pedro—segundo a versão de Luigi Arosio, teólogo ilustre e alto erudito da Igreja, fixa 18 de Janeiro de 43, como data da fundação da Igreja Cristã—teria vindo possivelmente da Antioquia, onde já fundara a Igreja. Dali conseguiu dirigir-se a Roma, acompanhado — diz-se — de Marcos, Silvano, Crescente, Gláucia e mulheres piedosas.

Face à tradição, Pedro conseguiria alojamento na Roma de antes de Nero, no Trastéveres, perto da Ponte Rosta, onde existe a igreja de Santa Cecília, Pedro, já capazmente,

Casamento de requinte

No passado domingo, na Capela do Senhor dos Aflitos, em Santiago da Cruz, consorciaram-se a menina Maria Ludovina e o jovem Paulo Gonçalves Barbosa de Macedo, ela de S. Martinho do Vale, Famalção, e ele comerciante desta Praça — Feira Nova.

O noivo é filho da sra. D. Etelvina Gonçalves Macedo e do sr. Joaquim Barbosa de Macedo, comerciantes e proprietários no Largo da Feira Nova, onde gozam da maior estima e consideração.

O núvel e asseado Templo estava repleto de convivas e foi celebrante o Rev. Padre Albino José Fernandes Alves pároco do noivo, que à homilia dirigiu aos consorciados palavras de muito merecimento.

Findo o acto o cortejo dirigiu-se à residência do pai da noiva, em S. Martinho do Vale aonde, sob o tecto decorado de uma ramada e perante a visão esverdeada de uma várzea ubérrima, cento e meio de convivas saborearam as diversas iguarias e o capitoso néctar.

O casal irá viver nesta vila rodeado da esperança própria da sua idade e das suas aspirações e com o nosso voto de felicidades.

desafecto ao paganismo, começou por apresentar aos hebreus, falando de Cristo. Aos olhos dos romanos, portanto, era mais um insignificante hebreu com o seu grupo um tanto suspeito aos ortodoxos, mas sem projecção. Ainda assim foi expulso em 55, mas teimosamente voltou.

Como se sabe, a história do império romano está edificada sobre alicerces presumíveis e, deste modo encontram-se alguns dados que permitem supor ter sido a primeira pessoa a hospedar Pedro, fora da comunidade judaica, o senador Cornélio

«Continua na 4.ª página

5.ª COLUNA

Já o meu pai, que Deus haja, tinha a monomania de querer meter nos eixos a engrenagem democrática que os grandes percursores da República implantaram em 1910. E não desistiu. Somente, após 1926 encontrou tantos transfusões, que desistiu firmemente da política, desgostoso e cansado da luta que desde 1910 vinha travando, a favor do critério democrata que devia orientar o país.

Estou na mesma? Sei lá! O que sei é que não posso calar-me perante semelhante confusão política que se escrevia surgisse na maré alta da nova era liberal. E não vejo, por grandes orientadores da opinião pública na Imprensa, a não ser meia dúzia de antigos confrades, mesmo do tempo da ditadura, que punha a sua causa em letra de forma, na mira da Censura deixe passar...

É evidente que o povo precisa de instrução política, dada através da Imprensa, em palavras sãs e escorreitas e não com rendilhados de prosa congostica. Porque só reuniões não chega. É curto! Por isso, Leitor, tenha paciência, mas voltamos ao tema da semana finda, acerca das hierarquias, que parecera Liberdade, melhor: em nome dela, se pretendem acabem. E isto não pode ser! Sem hierarquias, às quais haja de obedecer-se, caímos na Anarquia. E essa é incompa-

Continua na 4.ª página

Festas de S. Pedro Figueiredo

Hoje e amanhã, a freguesia de Figueiredo está em festa honrando o seu Padroeiro S. Pedro.

Hoje haverá sessões de fogo preso e do ar e a exibição de afamados conjuntos.

Amanhã, exibição de Ranchos folclóricos e a imponente procissão em que se incorpora a fanfarrinha dos Bombeiros V. de Ponte da Barca.

À noite certame pirotécnico pelos melhores artistas da Região.

Não deixe de visitar Figueiredo

Contraste ...

Realizaram-se nesta vila dois Bazares de Prendas.

Um, cujo produto revertia para as Festas de Santo António, realizou-se no Largo da Feira Nova e rendeu 10 900\$00.

O outro, cujo produto revertia para a festa da Páscoa local, realizou-se no Largo de D. Gualdim Pais, e rendeu 500\$00.

Compare-se...

Leia

Propague

E assine

Tribuna Livre



AS DUAS ORFÃS

(Continuado do número anterior)

amuleto, como um motivo de saudade imperecível verdadeiro culto pela sua memória sagrada, o medalhão com o único retrato existente da sua pobre mãe, morta em circunstâncias misteriosas que ainda desconhecemos.

E agora, tendo perdido esse retrato, perdera-se a si mesma.

Por que consentira que D. Leandro se encarregasse do conserto do medalhão?... Nunca deveria ter-se separado dele, fosse sob que pretexto fosse!

E agora chorava, como se choram todos os erros irremediáveis

«—Mãe da minha alma!... —dizia—Tu, que deves estar no Céu, porque foste a melhor das mulheres, tu sabes que a tua filha é inocente e honesta! Tu e eu o sabemos! Mas ninguém quer acreditar em tal. Minha mãe, porque nos deixaste tão cedo? Tu serias agora a minha defensora, o meu amparo, a minha força... e eu já te não tenho! Meu Deus!... Meu Deus!... Estou só no mundo.

Abriu uma gaveta da cómoda onde guardava as suas coisas. Rebuscou entre cartas e outros papéis e tirou de lá um retrato de Mário. Tinha sido tirado em Marrocos quando ganhara os seus galões de sargento. Estava elegante, bonito, adorável. No seu rosto resplandeciam ao mesmo tempo a sua natural bravura sem alardes orgulhosos, e a bondade da sua alma.

Ao contemplá-lo com infinito amor, com infinita pena, Dolores, com os olhos arrasados de lágrimas, sentia a necessidade de o interrogar, de falar-lhe, como se aquela muda fotografia pudesse consolar a sua alma amargurada.

«—Meu querido Mário! —disse—Por que não acreditaste em mim?... Que cego que tu estavas! Bem sei que essa mesma cegueira é uma prova do muito que me querias. Mas, não sabias tu, desde sempre, que eu sou tua, e só tua?! Não te dei mil provas de amor?! Homem de pouca fé! Por que duvidaste de mim? Perdeste-te, e perdeste-me para sempre!... Mas não te guardo rancor, porque te amo de toda a minha alma!»

Beijou o retrato, carinhosamente, e continuou o seu monólogo:

«—Sou toda tua, juro-te que nunca serei de mais ninguém! Ainda que o próprio juiz me oferecesse a reabilitação da minha honra em troca de me sujeitar a pertencer-lhe sem que ninguém o soubesse, preferia ser, para todo o sempre, alcunhada de perjura e por todos apontada como mulher sem vergonha, do que deixar de ser só tua para pertencer a outro homem. Já vês como te quero!»

«Tenho-te dentro da alma, meu amor! Nem tu calculas como o meu coração te quer! Ofendeste-me, e eu perdoo-te, e continuas a ser o senhor do meu coração! Já vês quanto te quero!...»

Bateram à porta.

Dolores sobressaltou-se

Quem viria interrompê-la?...

Teve medo, sem saber de quê, e não quis abrir.

Bateram de novo, com insistência, como se quem batia tivesse a certeza de que estava alguém em casa.

Dolores ficou suspensa.

E se fosse Carmencita?

Recompôs a sua atitude, guardou precipitadamente o retrato do noivo no próprio peito, entre as castas pombas brancas dos seus seios, e correu a abrir a porta.

Ao abri-la, apareceu-lhe a figura de um velho asseado, corretamente vestido, com um certo ar de velho-rapaz.

Era D. Hilarión, procurador das senhorias do prélio onde Dolores morava, propriedade de duas velhas irmãs, beatas falsas, que passavam a vida nas sacristias e escondiam atrás de uma religiosidade suspeita, míseros instintos de sórdida avaréza.

—D. Hilarión, por cá?... —exclamou Dolores, surpreendida.

—Sim, minha filha: eu em possoa — respondeu o velho, entrando com decisão.

Os seus olhos brilhavam de prazer e de malícia ao fitarem Dolores.

Ele próprio fechou a porta, dizendo:

—Estranhas a minha visita, não é assim?

—Não — respondeu a rapariga, com aprumo — Calculo o que deseja.

De facto, Dolores calculava mais ou menos qual era o motivo daquela visita inesperada.

Dom Hilarión, desde que Dolores habitava a casa, só aparecia nos primeiros dias do mês, de recibo em riste, para receber a renda. Como Dolores era uma pessoa ordenada e fiel cumpridora dos seus deveres, pagando pontualmente o aluguer da casa, o procurador das senhorias só teria que voltar no mês seguinte, visto o recibo daquele mês já estar pago.

Portanto, a visita do velho Hilarión só podia obedecer a um único motivo: o que dera origem ao desastre da vida da pobre rapariga.

O crime de Mário, narrado nos jornais, devia ter virado as duas beatas contra Dolores.

—Que escândalo!... —diriam as duas irmãs— termos como inquilino do nosso prédio uma mulher que atraçou o noivo com outro homem, dando origem a que o atraçado praticasse um crime de morte e fosse levado para a prisão?! E, certamente, teriam ido mais longe nos seus comentários e nas suas intenções.

Escravas de uma moral rígida e hipócrita, que se escandalizava com o mal que se conta em público e tolera esse mesmo mal, quando ele fica oculto, as duas antipáticas beatas deviam formar muito mau conceito da pobre Dolores. Deviam pensar assim:

«— Isto é o que se sabe, porque foi publicado nos jornais. O que será aquilo que não se sabe? »

E Passaram a considerar Dolores como uma mulher de mau porte, que se entrega ao primeiro que passa e converte a honestidade de um lar em cenário de luxuriosa bacanal.

— Essa mulher não pode continuar habitando numa casa decente como a nossa. Se ao menos não se tivesse sabido.

E aqui está a inesperada visita do procurador, que ia participar a Dolores que a despediam, por... imoralidades.

Tenho adivinhado isso, Dolores acrescentou:

TRIBUNA do CONCELHO

2.ª Publicação 29 / 6 / 1974



Tribunal Judicial da Comarca

— DE —

AMARES ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta Comarca, na acção especial de indemnização, nos termos do Código da Estrada, pendente na Secção de Processos deste Tribunal, movida pelo autor Manuel José Barbosa Soares da Silva, casado, empregado de escritório, residente na Rua Sá de Miranda, 45, da cidade de Braga, contra Belmiro da Cunha Esteves, casado, motorista, do lugar da Cancela, freguesia de Sequeiros, desta comarca de Amares, e outros, são citados os sucessores incertos do falecido lesado Mário Nunes Gonçalves, que residia, à data do acidente de que tratam os autos, na Avenida João XXI, n.º 822-4.º andar, esquerdo, daquela cidade de Braga, para no prazo de DEZ DIAS, depois de decorrida a dilacção de trinta dias que começa a contar-se da data da segunda e última publicação deste anúncio, virem à referida acção na qual foi referida pelo autor a sua intervenção como parte principal, apresentar o seu articulado ou declararem que fazem seus os articulados da parte a que devem associar-se.

Amares 29 de Maio de 1974

O Juíz de Direito,

António José Ribeiro da Cunha

O Escrivão,

Guilherme José da Silva

Confraternização de Bombeiros e Comissões das Festas

Amanhã, sábado, dia 29, pelas 17 horas, num aprazível local da freguesia de Barreiros, realizar-se-á um lanche de confraternização entre os elementos do Corpo de Bombeiros e as Comissões das Festas do Concelho.

Pretende, um grupo de pessoas, oferecer aos bombeiros e aos trabalhadores das festas um beberete como tributo de quanto tem feito.

Neste acto podem tomar parte todas as pessoas a quem somente será pedida uma pequena contribuição inerente à sua própria despesa.

OS AMÁVEIS HOSPEDEIROS

Um pobre viajante, que não ganhava para automóvel, era obrigado a calcurriar léguas e léguas, quantas vezes sem nada vender, chegando ao fim do dia exausto e desanimado.

Certa noite, a cair de sono, chegou a uma pequena aldeia, batendo à porta da primeira casa que se lhe deparou, na esperança de arranjar onde dormir. E teve sorte, pois a dona da casa logo lhe franqueou a casa, mandando-o entrar para uma sala onde se encontrava o homem e seis miúdos, filhos do casal.

A família acabava de ceiar e o nosso viajante ainda pôde comer uma tijela de caldo, com um naco de boroa e uma caneca de vinho.

Os miúdos começavam a cabecear e a mãe pegou em dois e deitou-os numa cama, que ali estava a um canto. Não tardou que os pequenos adormecessem e logo a mãe os tirou dali, deitando-os no chão sobre um liteiro. Pegou noutros dois e foi deitá-los na mesma cama, onde caíram, adormecendo imediatamente. Passados momentos a mãe fez-lhe o mesmo que aos dois primeiros: tirou-os de lá, deitando-os no chão junto dos irmãozitos.

Depois pegou nos dois restantes, enfiou-os na cama, ficando ali sentada à espera que adormecessem, o que se verificou poucos minutos decorridos. E como aconteceu aos primeiros estes também foram tirados da cama e postos no chão, onde se encolheram encostando-se aos irmãos.

O viajante estava meio parvo com o que via, mas o sono começava a ser mais forte que ele, aceitando aquilo como se fossem hábitos da terra.

Arrumados os últimos miúdos, a hospedeira apontou a cama ao nosso homem, dizendo-lhe que se podia deitar e que passasse uma boa noite.

Muito espantado, o viajante não se fez rogado, enfiando-se com calças e tudo debaixo dos cobertores, adormecendo quase tão rapidamente como os pequenitos.

Foi uma santa noite.

De manhã quando acordou viu-se estendido no chão junto dos rapazinhas.

Na cama, risonavam tranquilamente os amáveis hospedeiros.

Ser Pastor

«Toda a vida fui pastor,
toda a vida guardei gado,
tenho uma cova no peito
de me encostar ao cajado.»

Ser pastor de sonhos e não ter mais ofício nenhum,
guardá-las dentro da alma,
semeá-los no vento,
na voz do mar,
na luz das estrelas.

Semeá-los nos olhos dos outros
e preservá-los da descrença e do cansaço
do nosso coração impaciente.

Aceitar a solidão das longas horas pelos montes
quando a luz quebrada da tarde
infunde a nostalgia
e todas as vozes se perdem no silêncio.

Esperar que nasça um dia novo,
que se cubra do orvalho a erva tenra
e os sonhos povoem outra vez
o imenso horizonte.

Acreditar no sonho com a vida toda
até que se grave na alma
a marca profunda dessa fome.

Não podemos ignorar

A escravatura é ainda praticada em mais de 40 países e em 1971 havia ainda dez milhões de escravos para libertar.

* * *

No mundo a despeza anual média por soldado é de 7.800 dólares.

A despeza anual média por criança, referente à educação é de 100 dólares.

* * *

Os países subdesenvolvidos gastam actualmente em média 5 dólares com o ensino, enquanto que os países desenvolvidos lhe dedicam anualmente 100

* * *

O relatório da ONU revelou que se gastaram por ano, no mundo inteiro quase seis biliões de contos em armamento. A soma que tende a crescer, é trinta vezes superior ao auxílio dos países mais evoluídos aos subdesenvolvidos.

* * *

Caças—bombardeiros da União Indiana atingiram directamente o orfanato de uma missão eslâmica perto de Dacca, matando mais de 300 crianças. As crianças estavam a dormir quando as bombas foram lançadas às quatro da madrugada.

Comissão dos Amigos de S. António

| | |
|-----------------------------|-----------|
| Castro e Sousa | 2.500\$00 |
| João Augusto Almeida | 500\$00 |
| Esmael de Carvalho — França | 240\$00 |
| Alberto Pais Morais — Porto | 200\$00 |
| SAPEC — Setubal | 2.000\$00 |

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Hoje passa o aniversário natalício do sr. António dos Santos Barros, funcionário dos Armazéns da Feira.

No dia 30 o menino Paulo Jorge de Sousa Martins, filho do nosso estimado assinante sr. Armando Macedo Martins

No dia 20 o sr. José António da Silva Almeida.

No dia 5 o sr. João Barbosa de Macedo, nosso estimado director e no dia 6 a menina Maria Fernandes da Silva, filha dos nossos assinantes srs. João Batista da Silva e D. Olimpia Celeste Soares da Silva, residentes em Lisboa.

5.ª COLUNA

Continuado da 1.ª pagina

tível com a Democracia, embora seja a Liberdade pura.

Liberdade pura, não existe! Ninguém a tem! Até a Natureza no-la tira, quando nos atormenta qualquer doença que nos tolhe os movimentos. Pois bem! Como amostra—e da maior aquidade, visto tratar-se de uma instituição cabalmente dirigida e sob controle específico da inteligência e do talento, face aos vários e determinados concursos de recrutamento do pessoal, que sei, perfeitamente, serem fundamentados na maior amplitude competente e funcional—na Fundação Gulbenkian foi coliticada a abertura de processos disciplinares que motivaram a demissão de três instrumentistas, com base em alegadas atitudes subversivas de “de desrespeito pelas hierarquias”. Convenço-me que o subversivo, se lá está escrito nos processos, veio acréscimo, certamente, por que é intuitivo se alguém prevarica, não se sujeitando a uma ordem dimanada doutrem em superior escala, logo se deve deduzir subversão. Por isso, noutras empresas também se tem reclamado contra as hierarquias. E sendo assim, então é melhor acabar com chefias, subchefias, encarregados, etc..

Que somos todos empregados, é autêntico. Mas colocar tudo sob a mesma bitola, tem que dar asneira, não é verdade, Leitor?

EME ABRIL

A propósito de um Plenário de Trabalhadores da Administração Pública realizado no Porto

Sob a orientação dos drs. Nunes da Silva, Lopes Marinho e Maria José Silva Santos e Eduardo Miranda, realizou-se, no Porto, em 22 do corrente, um pequeno comício a que chamaram "plenário de trabalhadores da administração pública", pois, conforme os jornais diários relataram, juntou apenas 550 funcionários.

Como o leitor, sabe, tanto o norte como o sul do País tem milhares de trabalhadores daquela administração distribuídos por vários sectores.

Aquando da convocatória feita através dos jornais, pensou-se que tal reunião "plenária" fosse para tratar de assuntos de interesse para os funcionários (trabalhadores), revendo proventura as estruturas que os regem em ordem a uma melhoria das condições socio-económicas em que têm vivido até agora. No entanto, qual não foi o espanto de alguns quando, logo de entrada e como solução de base, se pôs a questão da irradiação de todos os funcionários que tivessem pertencido às extintas Legião Portuguesa, A. N. P. ou U. N., antigos graduados da Mocidade Portuguesa, etc. Ora, francamente! Depois da viragem histórica de 25 de Abril, que derubou o chamado regime fascista, parece que todos seremos poucos para reconstruir um Portugal novo dentro dos moldes traçados no programa das Forças Armadas, para o que há que aproveitar todos os elementos válidos que sempre serviram com lealdade e honestidade a Nação. E certamente que eles existem mesmo que tenham pertencido aos organismos atrás referidos. Pois ninguém tem culpa de ter nascido num regime que se não soube impor pela isenção de quem o servia, e a que teve de aderir por força de várias circunstâncias. Outrossim, deverá o actual Governo inquirir, como está a proceder, sobre situações anómalas e, apuradas culpas, aplicar as sanções que julgue mais convenientes. Se assim não for, é criar ódio e revolta. De resto, e como a seu tempo se verá, estão os funcionários públicos (trabalhadores da Administração Pública) a organizarem-se devidamente, encontrando-se já criadas as respectivas comissões pro-sindicato, como acontece com os das Contribuições e Impostos, e, por isso julgamos não ser necessária criação do pretensio Secretariado dos Trabalhadores da A. P. Mas mais: ficamos perpelexos e a pensar qual seja a intenção da manobra daqueles senhores e da pressa com que fi-

zeram a entrega do caderno de reivindicações a Sua E.ª o Senhor Presidente do Conselho, Prof. Doutor Palma Carlos. Mas será proventura de representatividade bastante aquele exíguo número de funcionários para definir a posição a sério, tal qual como pretendem os orientadores do movimento? Pensamos que não. Ao alto critério e bom-senso do Governo Provisório deixamos a solução do caso.

S. Pedro

«Continuado da 1.ª página»

Púnico, casa que se situaria no Viminal. Ora, seria aí, certamente, que apareceu o primeiro templo cristão, seja a igreja de Santa Pudenziana a mais antiga de Roma.

Ei-lo, portanto, entre os grandes romanos, para os quais a religião não atingia mais que insolência—outro divertimento...

E durante 25 anos ninguém perseguiu os seguidores de Pedro, tendo nascido uma linguagem humilde, estilizada na Sagrada Escritura.

S. Paulo, porem, chegado a Roma, encetou pregação mais demolidora para Nero e os seus—pretexto da acusação e perseguição dos cristãos, pois a política do imperador para a doutrina de Pedro era de condescendência e há até quem pretenda ver nisso próxima conversão de Nero (?) Parece estar averiguado que S. Pedro fora martirizado no ano 65, crucificado inversamente, pois assim o rogou, por não ser digno de morrer como o Divino Mestre. E daí haver crença de que o Templo de S. Pedro foi construído aonde o Santo fora executado e o seu corpo enterrado no Campo Vaticano.

Por outro lado, a data da morte dos dois apóstolos—S. Pedro e S. Paulo—está fixada em 29 de Junho de 66 ou 67 (?) Nada é certo, porem. No entanto, a segura Fé de Pio XII, levou este Pontífice a, na vigília de 28 de Junho de 1939, após recolhimento sobre as lages da "Confissão", ordenar escavações que trouxeram a garantia apostólica de Roma.

Facto é que o grande académico francês, Jérôme Carcopino, arqueólogo de renome universal, escreveu no ano de 1940, a propósito destas escavações:

"Pio XII ordenou que as escavações fossem executadas com o objectivo de uma investigação puramente cienti-

Pois entende mal...

E volta a insistir no erro no jornal de 22/6/74:

«Quanto a S. Pedro, diz o Sr. EME ABRIL, evidentemente que S. Pedro foi Cristão-Católico, não foi Cristão-Protestante... E um Protestante, por o ser, não deixa de ser Cristão entendendo eu...»

Repare p. f. Sr. EME ABRIL, que se cristão é uma e a mesma coisa que católico ou protestante, o falecido Dr. António José de Almeida, culto como era, não teria dito «morro cristão e não católico», pondo assim, como se vê, o cristianismo acima e além do catolicismo, protestantismo, etc. etc.

Ele, bem como Afonso Costa, etc. repudiava as Igrejas e Seitas, e cumpria os ensinamentos cristãos (Jo. V-44, etc.).

Cristo ali foi bem claro: «Como podeis crer (entender) vós outros, que recebeis a glória uns dos outros, e que não buscais a glória que vêm só de Deus?».

Assim eu, com este arrazoado, não tenho a pretensão de fazer compreender ao Sr. EME ABRIL, e aos que, como ele, ainda andem por Igrejas, o q. é ser Cristão e o que é ser Católico, mas deixem-se de andar por ali, e, então, me entenderão.

Quanto ao caso do Papa felicitar o nosso Governo Provisório (Jornal de 25/5/74, foi, decerto, apenas, um acto de delicadeza protocolar, dado q. no fundo nada lhe convém dar liberdade de expressão de pensamento a toda a gente, como estamos fazendo.

Igualmente, o Sr. Bispo do Porto, espiritualmente falando, continuando na sua diocese ao regressar a Portugal, continuou a ser católico, e nada evoluiu pela atitude política que tomou... É que por «políticas» não é que nos poderemos metamorfosear adentro da Alma, tornando os seus dois «EUS» como um (Jo. XVII-21/22).

As convenções humanas, são uma coisa, e aquilo que Deus traçou, são outra, e bem difícil de entender (Mt. VII-14).

a)- Tenente - António Coelho

fica. Precisou, portanto, de de uma grande coragem para tomar a iniciativa de escavações que iam submeter essa tradição à prova da realidade e que iriam afinal firmá-la definitivamente".

Estamos em 29 de Junho—data que mais incide no sacrifício de um homem pela Humanidade, este ano servindo de símbolo aos tormentos que outros homens sofreram, no nosso país, com a esperança radiosa da manhã de 25 de Abril!

MILITÃO PORTO

Comissão Coordenadora dos Trabalhadores da Direcção-Geral das Contribuições e Impostos do Distrito de Braga

(Pró-Sindicato)

Repartição de Finanças de Vieira do Minho

Com pedido de publicação recebemos o seguinte

Comunicado

Vem inserido na página 13.ª do Jornal de Notícias do dia 24 do corrente mês um comunicado intitulado de "Caderno reivindicativo dos funcionários públicos", em que se diz que "cerca de 550 funcionários públicos de distritos do Norte e Centro do País estiveram ontem presentes numa assembleia, em cuja ordem de trabalhos se inscreveu a discussão de um caderno de reivindicações... etc. etc."

Mas afinal estamos a trabalhar para nos sindicalizarmos ou andamos a brincar às reuniões?

Os distritos do norte e centro não terão já as suas comissões Pró-Sindicato?—Então quem são esses senhores, organizadores de reuniões, quem os incumbiu de tal missão, e, sinceramente, o que pretendem eles?

Parece nos bem clara a sua intenção:—A anarquia total, para, futuramente, poderem manietar tudo e todos e darem livre realização aos seus desejos obscuros. Porque estamos devidamente organizados e temos a consciência plena e o discernimento suficiente para sabermos aquilo que queremos, prescindimos de tão válido e altruista incentivo

Nesse sentido os trabalhadores desta Repartição de Finanças repudiam tal reunião por abusiva; e todas as deliberações, embora provisórias, aí tomadas, por tendenciosas, anárquicas e destruidoras daquilo que, honestamente, nos propusemos fazer para o bem comum dos trabalhadores da Administração Pública, nomeadamente, no que se refere aos trabalhadores das Contribuições e Impostos.

Vieira do Minho, 24 de Junho da 1974

O Delegado

TRIBUNA LIVRE

A Redacção deste «Semanário» pede a todos os ilustres colaboradores o favor de enviarem as suas notícias e artigos até à quarta-feira.

A Redacção

Descolonização

Processo original de autodeterminar

Cont. da 1.ª página

tino de um povo, nem o seu regime político, nem os chefes a que haja de passar a obedecer. O que está em causa ao negociar-se um cessar-fogo, não é a vida, os bens, nem as consciências da maioria que, sem embargo das suas tendências, se não empenhou directamente nos combates. O que está em causa, ao negociar um cessar-fogo, é a legitimidade do ideal em que se fundamentam os objectivos que animaram as partes em luta; e, como tal, a viabilidade de, passando da confrontação armada para a solução política, ser deixada a decisão final à consciência de todos os interessados, democraticamente constituídos; pois se foi a causa do povo que esteve em letígio durante a luta, é ao povo, agora soberano, que cabe tomar opções. «Na obediência a estes princípios se tem conduzido as negociações em curso. E os resultados positivos que se obtiveram não poderão deixar de traduzir, da nossa parte, a garantia total de que o ideário prosseguido pelos partidos emancipalistas poderá ser institucionalizado na paz e na democracia, e de que as pessoas dos seus partidários serão respeitadas e os respectivos chefes integrados nos governos locais».

Criou-se uma filosofia inteiramente democrática que deve ter surpreendido os movimentos de libertação em luta e que continuam a negociar, parecendo-nos que não podem eximir-se da grande responsabilidade que lhes adviria do facto de não aceitação de um processo tão leal e inequívoco de descolonização.

Do exterior, pedem a independência total e imediata aqueles que não souberam ser mais do que ditadores e que temem a Democracia nos seus países. A sua energúmena gritaria não poderá produzir eco no mundo civilizado, agora que a razão está do nosso lado e a força para levar ao cumprimento da legitimidade democrática de autodeterminação, que também em altos gritos se cansaram de pedir ao Regime deposto.

Jaime Macedo.

Anedota

ENTRE AMIGAS

— Tenho de ir andando. A minha mãe faz hoje 40 anos e eu não posso faltar.

— Com certeza. Mas nunca me tinhas dito que tu e tua mãe eram gémeas!